

Programa de informática tenta modernizar educação

Este ano, o MEC gastará R\$ 250 milhões para ensinar 25 mil professores a usarem o computador nas escolas públicas

• RIO, SÃO PAULO, BRASÍLIA e RECIFE. O interior do prédio, uma construção antiga de fachada imponente, mantém a aparência decadente de muitas escolas e hospitais públicos do Rio. Há cadeiras quebradas e as infiltrações são visíveis nas paredes dos corredores, pichados até com palavrões. Aspecto inverso têm as salas recém-reformadas para receber 25 computadores, impressoras, aparelhos de ar-condicionado e móveis especiais.

Este é o novo cenário do Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, no Largo do Machado, um dos dois núcleos de Tecnologia Educacional (NTEs) da capital, onde serão treinados alguns dos mil professores-instrutores do Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo). O programa prevê a instalação de cem mil computadores em seis mil escolas públicas de todo o Brasil até o fim de 1998.

Estado do Rio é um dos mais adiantados do país

A existência de grande quantidade de professores especializados em informática educativa nas escolas públicas do Estado do Rio foi fundamental para fazer dele um dos mais adiantados na implementação do Proinfo. Os seis primeiros NTEs do estado, onde serão treinados professores das primeiras 223 escolas, já estão com 150 computadores instalados para que a capacitação comece ainda este mês. Mas o treinamento esbarra num problema crônico: falta a instalação das linhas telefônicas, solicitada à Telerj em dezembro. Os 30 professores universitários que serão os multiplicadores — treinarão os que estarão na sala de aula — já fizeram curso para adaptar seus conhecimentos de informática ao projeto do Governo e às necessidades das escolas do estado.

Estimular professores mal pagos e desanimados com a carência da escola pública é outro desafio do Proinfo. A coordenadora do projeto no estado e assessora-chefe de informática da Secretaria de Educação, Regina Chaloub, acha que os computadores vão mexer com a auto-estima do professorado e iniciar um processo de retorno da classe média à escola pública.

— O projeto tem a formação do professor como centro. Metade da verba será gasta em capacitação. O MEC só manda as máquinas depois do treinamento — diz.

Reforça a tese o coordenador do NTE do Largo do Machado, Hermes Brito.

— Isso vai preocupar a escola privada, que não passa de empresa em busca do lucro. Eles não in-



NO COLÉGIO ESTADUAL Amaro Cavalcanti, no Largo Machado, professores-instrutores preparam os colegas

vestem como a escola pública está investindo. Qual é a escola particular que tem um Pentium 686?

É a aposta num salto de qualidade da escola pública que motiva os professores envolvidos no treinamento. Outra multiplicadora do NTE, Laura Coutinho, diretora de tecnologia educacional no Centro Educacional da Lagoa (CEL, uma escola privada), tenta conciliar as duas áreas do ensino. Para ela, o sucesso do empreendimento depende mais do preparo do professor para usar pedagogicamente o computador do que da aquisição das máquinas:

— O Proinfo tem a concepção do computador como instrumento e não como objeto de estudo. A escola não vai fazer cursinhos de informática, mas repassar de forma interativa e estimulante o conteúdo de suas disciplinas.

O Ministério da Educação gastará R\$ 250 milhões este ano para ensinar 25 mil professores a usarem o computador nas salas de aula. Este valor representa mais de 50% do orçamento (R\$ 450 milhões) do Proinfo. As escolas só começarão a receber os computadores quando tiverem pelo menos três professores treinados.

O ministro Paulo Renato Souza, no entanto, admitiu que, apesar

do treinamento, espera dificuldades na introdução da tecnologia na rede de ensino.

— Sabemos que é preciso conquistar o professor e que a primeira reação será de muita resistência. Espero que a tecnologia esteja completamente assimilada em dois ou três anos — disse.

Para o treinamento, serão instalados, até o fim de abril, 200 NTEs em todo o Brasil, onde os mil professores-instrutores (todos de universidades) vão dar cursos para os 25 mil professores das redes estaduais e municipais (e para seis mil técnicos). Desses 200 NTEs, 22 já funcionam e 64 estarão prontos até o fim do mês.

Os cursos terão cerca de 200 horas/aula e a previsão é que, até junho, os primeiros 7.500 professores estejam capacitados a usar os computadores nas salas de aula. Em junho, deverão chegar às escolas os primeiros micros. Para se candidatar a receber os computadores, cada escola teve de fazer um projeto de uso da nova tecnologia e apresentá-lo à Secretaria de Educação de seu estado, que o repassou ao MEC. As seis mil foram escolhidas entre cem mil com mais de 150 alunos.

Numa dimensão menor que a do Proinfo, programas estaduais

e iniciativas isoladas de diretores já capacitaram professores de escolas a trabalharem com computadores em sala de aula. Essas experiências — em capitais como Rio, São Paulo, Recife e Salvador — vão ajudar a superar os problemas de treinamento.

Coordenadora do curso de especialização em informática na educação da Universidade Federal de Pernambuco, a professora Sônia Sette vem treinando multiplicadores para Pernambuco, Piauí e Maranhão. Eles já fizeram a primeira etapa do curso e voltaram aos locais de trabalho.

Colégios públicos atuam em conjunto com particulares

Uma das professoras da rede municipal que faz treinamento em informática na educação no NTE é Fátima Pedoni. Ela prepara uma monografia sobre o tema "Escola pública e Internet", depois de uma bem sucedida participação do Colégio Arraial Novo do Bom Jesus, em parceria com o Colégio Israelita (particular), no "Global School", um programa de intercâmbio escolar entre todos os continentes, via Internet.

— Quarenta por cento das informações foram pesquisadas via Internet ou em bancos de dados pu-

xados do computador — conta.

A iniciativa rendeu um feito inédito: crianças da rede pública de Recife foram aos Estados Unidos, em setembro, onde participaram do seminário "A escola do século XXI", na Universidade de Oregon. O resultado da parceria foi apresentado por Anderson Luís Gomes Alves, de 17 anos, então na 8ª série do Colégio Arraial Novo do Bom Jesus.

Em São Paulo, o projeto federal chega para consolidar outro projeto, do Governo do estado, que já pôs cinco computadores em cada uma das escolas. Para 98, a grande novidade da Secretaria de Educação é a inclusão de 32 das escolas públicas da capital e da Grande São Paulo no projeto Plugue-se na Copa, que beneficiará mil alunos, resultado de parceria do Governo com a Escola do Futuro da USP e a Motorola. Deste mês até o fim da Copa do Mundo, esses alunos terão por meta elaborar uma *home page* sobre suas escolas para apresentá-las via Internet, a alunos de todo o mundo. Cada uma delas representará um país que disputará os jogos.

De bit em bit as escolas públicas tentam se informatizar. Mas as dificuldades são muitas e o processo é lento. A Escola Esta-

dual de Segundo Grau Brasília Machado, uma das dez melhores escolas públicas de São Paulo, foi uma das pioneiras, mas só a partir do segundo semestre deverá começar a usar efetivamente o computador de forma direta em aulas de português e geografia.

Os 12 computadores 486 e as três impressoras do laboratório de informática foram adquiridos há dois anos pela Associação de Pais e Mestres, que banca cursos de informática durante todo o ano para professores e alunos. Agora, com o Proinfo, o uso pedagógico deve ser aprofundado.

Aluno do 2º ano, Fernando Augusto Prado Batista, de 16 anos, é apontado pelos colegas como "o cara da informática".

— É fundamental ter computador na escola. A gente usa para tudo. O jornalzinho é todo feito no computador — conta.

Marcelo Bezerra da Silva, de 17 anos e aluno do 3º colegial, diz que aprendeu computação fazendo o jornal, com os colegas.

— Não tenho computador em casa e acho importante que a escola ofereça. A maioria dos alunos não tem computador e a informática hoje é indispensável em qualquer área em qualquer profissão — diz. ■

Fernando Maia